

Zen – o mundo de ponta cabeça

Jisho Handa

Jisho Handa é monge budista zen do Templo Busshinji, que está localizado no bairro da Liberdade, na cidade de São Paulo, e integra a Federação das Escolas Budistas do Brasil.

Zen – o mundo de ponta cabeça

A experiência antecede os conceitos quando silêncio a mente

Nenhuma explicação, nem conselhos, nem ensinamentos, apenas a observação do fluxo do pensamento numa sala de meditação. Assim se deu o *zazen*. Foi assim que dei início numa casa antiga, deteriorada, umidade nas paredes, o verde dos fungos sobressaindo-se das fendas de lajotas desgastadas pelos anos. Era a segunda metade dos anos 70, na rua São Joaquim, diante da Escola Estadual Campos Salles.

Quando aceitei este pedido não tinha muito a escrever, caso não fosse um artigo acadêmico. Não era. O foco era estender minhas reflexões a respeito do Zen como ativista inserido nesta cultura ao usar um manto negro e um *kassaya*¹ de cor açafrão. Aproximava-se de uma espécie de biografia, que acho desinteressante, por isso, preferi um texto sem grande pretensão, que pudesse refletir sobre o que entendo por Zen ou Zen Budismo, minha crítica e avaliação. Esta, afinal, tem sido a minha atitude constante desde que enveredei neste Grande Caminho.

A década de 70 apresentava uma situação explosiva, seja nas mentes e nas ruas. Nada poderia ser mais radical do que o Zen, que li pela primeira vez em *Introdução ao Zen-budismo*, de Daisetz Teitaro Suzuki, com prefácio de C.G. Jung, na terceira edição, de 1973, pela Editora Civilização Brasileira, RJ. Havia muito de atraente, mais do que isso: provocativo. De tudo que tinha chegado até mim, este fora um livro que incomodava tanto quanto o existencialismo de Jean Paul Sartre, que então alimentava minhas inquietações. Apreciei “Entre quatro paredes”. Tentei ler “Ser e nada”. Sartre era avançado diante de minha insuficiência intelectual, diferente das colocações de Suzuki que apresentava anedotas, situações insólitas, uma inversão de valores e temas adversos. Aquilo me agradou, mais do que reflexões da fenomenologia, havia humor e inversão de valores diante das incertezas do mundo. Não abandonei o primeiro, apenas somei mais informações e assim mergulhei em águas profundas do mistério da mente humana. A minha mesma.

Quando ingressei pela primeira vez na sala de meditação, o *Zendô*, do templo Busshinji, finais dos setenta, num canto estava o venerável Ryohan Shingu, sentado e de frente aos demais, estes voltados para a parede na postura *menpiki*². Ao lado dele encontrava-se o *jisha*³ Ricardo Gonçalves, seu tradutor, pois o mestre não se comunicava em português. A postura do corpo do mestre, em linha reta e elegante foi o que chamou atenção, cuja imagem ainda tenho em memória. Lembrava-me de Ryohan Shingu de uma capa da revista Planeta, da Editora Três, de 1974. Havia algo de muito

1 Também chamado de Kessá.

2 Era a postura de Bodhidharma, voltada para o fundo de uma caverna durante nove anos.

3 Jisha faz o papel de secretário de um Superior.

chamativo naquela foto, como um buda, com uma diferença, tinha cor na pele e olhos tranquilos e profundos. Não sorria, no entanto, parecia prestes a enunciar um sorriso oculto a qualquer momento.

Anos depois, outros motivos me levaram ao templo, a curiosidade anterior tinha desaparecido, alguns anos passaram-se da morte do mestre. Mas ficou a questão: o que me levava novamente ao templo! O que levavam outros ao templo! Ainda hoje esta é a pergunta que faço e tento formular respostas que nunca se completam. Depois de minha ordenação como monge, no inverno de 1989, nenhuma leitura me interessou. Na ocasião, o venerável Shunkyo Aoki disse-me de que a minha vida iniciava naquele momento. Nenhuma teoria era necessária. Minha atividade no templo consistia em *zazen* e cerimônias memoriais. Senti-me na obrigação de aprender mais japonês e ler os textos no original, com o auxílio do silabário ao lado dos ideogramas. Mas ainda ser monge era um apêndice de minhas atividades, interessado em completar minha formação em História⁴.

Um embate surgiria entre as balizas conceituais aprendidas no curso regular e a definitiva carreira monástica, que acabou prevalecendo. Certa vez, perguntei ao meu mestre, o venerável Koichi Miyoshi, o que devo fazer com tudo aprendido até agora. Não disse para desprezar. “Que possa servir de fertilizante para o que virá adiante”, ponderou.

Quanto aquela pergunta antes formulada, as pessoas procuram o Budismo, mais especificamente o Zen para resolver questões existenciais, possivelmente por respostas não encontradas na cultura ocidental. O que chamo de Zen não se trata de uma crença especial, como fosse a transição de uma religião para outra. Ademais não posso colocar o Zen como uma religião que possa ser comparada com qualquer outra de tradição mosaica⁵ e, portanto, monoteísta. O Zen faz parte de uma cultura com suas especificidades, uma maneira de ser no mundo em sua vivência material e espiritual. Nesse sentido, o Zen criou uma ordem que acabou inserida na cultura japonesa e manifestações artísticas. Não se pode almejar estudar a antropologia japonesa isenta do Zen, que neste momento avançou além dos muros dos mosteiros.

Se o Zen foi uma criação indiana, sua passagem pela China e, depois, Japão, houve enriquecimento, tornando uma maneira de ser a partir da experiência do corpo e da mente. Mas para isso acontecer, o treinamento foi necessário. Um acadêmico ao estudar a estética de uma arte consegue identificar elementos que fazem parte dos ensinamentos Zen, seus princípios e conceitos que foram construídos por profissionais interessados em dar uma forma inteligível do acontecimento. Diferente, o monge procura fugir dos conceitos e atua diretamente no objeto a ser executado, que assim almeja criar o mundo do Zen. O que pretendo dizer é que para o monge, não existe dualidade entre ele e o mundo que o cerca.

Da mesma maneira, um cozinheiro apenas cozinha, sem pensar nos conceitos, bem como o anfitrião da Cerimônia do Chá ou o esgrimista do Kendô. Quando o pensamento deixa de existir, o Zen passa a existir. Posso inclusive escrever sobre o Zen, como faço neste momento, mas isso deixa de ser

4 Mestrado em História Social pela PUCSP, 1995, e Doutorado em História Cultural pela UNESP-Assis, 2001.

5 Tradição Mosaica ou Abraâmica refere-se às três religiões conhecidas respectivamente por Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.

uma postura Zen. Mas concordo que muitos acadêmicos e estudiosos do Zen produzem comentários e críticas sobre o assunto melhores do que muitos monges. Não é por acaso que na década de 70 os principais divulgadores do Zen eram teóricos como o citado Daisetz Suzuki, um expoente da Escola de Kyoto, que escrevia em inglês, bem como Allan Watts, filósofo anglo-americano, Christmas Humphreys, autor inglês, fundador da Sociedade Budista de Londres e o monge trapista franco-americano Thomas Merton. Não se pode deixar de mencionar Jack Kerouak, escritor *beatnik*, autor de *Vagabundos do Dharma* ⁶.

Justamente o Zen, que defende o silêncio das palavras, é o que mais tem material escrito, seja em teoria, estética e ajuda pessoal. O Zen se tornou tudo isso, construindo discursos quando o discurso pode ser dispensado, sendo este uma característica da cultura ocidental. Não se trata do Zen no oriente, pelo contrário. O Zen pode ser visto e interpretado diante de nossa formação cultural, que absorve o que vem de fora e adapta-o às nossas condições. Tratamos do campo da cultura, sendo o Zen um elemento a ser absorvido e modificado conforme as necessidades utilitaristas e artísticas locais. Também teria se dado desta forma no oriente, quando o Zen tomou cores do taoísmo na China, e no Japão, em produzir uma estética própria e experiências oriundas dos mosteiros Zen.

De acordo com os textos Zen Budistas, a transmissão é realizada de mestre e aluno, assim o Buda Shakyamuni, no Monte dos Grdhakuta, transmitiu a Mahakasyapa⁷. Nesta transmissão, o mestre teria levantado uma flor, sendo que apenas Mahakasyapa entendeu a mensagem, e sorriu. Esta transmissão é sem palavras. É uma transmissão de coração para coração; de mente para mente. Portanto, a presença de um mestre é necessária. Isso faz parte do mundo Zen e assim deve ocorrer também nas artes Zen em geral. A dispensa de um mestre é vista com desconfiança, uma atitude imoral, de soberba. São situações que às vezes podem incomodar almas ocidentais, presos em conceitos como individualismo ou liberalismo.

Portanto, em se tratando de estudantes em grupos Zen ou nos templos nacionais, sempre a presença de um líder tem sido indispensável. Isso cria disciplina e ordem. É nestes locais que o objetivo é a meditação *zazen*. O *zazen* deve antecipar qualquer leitura ou atividade na *sangha*, assim chamados os grupos de prática. Ainda aqueles que têm alguma leitura, o *zazen* não pode ser dispensado. É no *zazen* que o mestre anuncia o *teishô*⁸, na forma de um *mondo*⁹ ou alguma colocação que provoque uma inquietação. Até então, todos se mantinham em *zazen* da maneira ensinada: “deixem o pensamento vir, deixem sair; não toquem nos pensamentos, sejam estes agradáveis ou desagradáveis; não façam comparações; não façam estimativas; aprofundem-se e encontrem o eu verdadeiro”¹⁰.

6 The Dharma Bums, 1965

7 The Record of Transmission the Light – Zen master Keizan’s Denkoroku.

8 O *teishô* é quando o mestre, que senta em *zazen* com os alunos, num instante qualquer do *zazen*, anuncia um comentário de um texto budista.

9 *Mundo* são pequenas narrativas que visam criar dúvidas no pensamento comum.

10 Era esta a forma que procedia o venerável Dosho Saikawa.

Se por um lado, o *zazen* é indispensável para a experiência Zen, o ato de sentar-se diante à parede, com as pernas cruzadas, respiração pausada e com os olhos semi-cerrados, mantendo atenção plena no pensamento, deve estar isento de qualquer propósito. Nesse momento, todas as nossas referências intelectuais e racionais caem por terra. Afirmando: façam *zazen* isento resultados. Tudo que aprendemos em nossas vidas, o que se propõe é o inverso, um contrassenso daquilo que pode ser útil e objetivo. É justamente isso! Ninguém age desta forma nas atitudes comuns da vida ordinária. Fazer *zazen* nada se ganha. Tenho toda a liberdade de fazer ou ir embora. Quando estamos em *zazen* na companhia de outros, não agimos contrários do proposto.

Esta é uma atitude Zen. Podemos agir de forma livre, além de nossos condicionamentos estratificados na zona de conforto que tornaram comuns. Naquilo que chamamos de vida comum é a maneira como levamos a vida, sem atenção, presos aos desejos insatisfeitos e em constante conflito entre mim e o mundo. Não obstante, colocamos, não existe uma dualidade entre as partes e, portanto, separação. No campo da arte, isso reflete quando se faz um arranjo floral ou cerimônia do chá, na composição do *haiku*, na caligrafia *shodô* e outros. Nem há a necessidade de um ego que realize; se a supremacia do ego acontecer prejudicará a execução do trabalho. A finalização do trabalho não é o fim em si, sendo levado em consideração todo o processo isento de objetivos.

Assim ensinou-me a composição do haikai, H.Masuda Goga¹¹, com quem iniciei-me, em que o resultado era a consequência de um processo que, uma vez terminada, podia ser apreciada pelos colegas, mas uma nova composição seria necessária num processo contínuo de construção que nunca se encerrava. Da mesma forma, se faz *zazen* e repetidamente, sem que um dia possamos dizer “já fiz o bastante”. Este seria um movimento cíclico e contínuo, tão diferente do pensamento ocidental que se baseia numa finalização em corrida linear. Esta forma de romper paradigmas surgia na possibilidade de haver outros caminhos que podiam ser aprendidos.

Entendido desta forma, o Zen e a vida se confundem, assumindo de nossa parte a responsabilidade da vida que se realiza, distanciado de conceitos e dogmas religiosas e outros. Mas antes podemos pôr os dogmas e conceitos sob crítica a fim de verificar a sua validade em proveito do conhecimento e benefício comum. Questões como estas são relevantes para a humanização de nossa relação de unidade, em oposição a mente pensante em criar uma linguagem de oposição. O Zen é a possibilidade de ver as coisas de uma outra forma, na desconstrução da linguagem e crítica daquilo que não reflete a experiência.

Podíamos dizer que o Zen são nossos pés numa caminhada em terreno acidentado, que fere às vezes, que se torna resistente e continua adiante. Toda definição sobre o Zen tornar-se-á conceito, que pode ser manipulado e usado em explicações reducionistas que comprometem a sua existência. Se isso acontecer, existe um Zen conceitual usado pelos estudiosos, recurso necessário para os objetivos almejados e outro, tradicional, dos mosteiros e praticantes de *zazen*. Assim, o Zen dos templos se torna numa religião budista, com cerimônias e *zazen*, sendo a outra uma vertente conceitual leiga ao

11 H. Masuda Goga foi mestre de haikai, nascido no Japão, que deu início a esta composição em língua portuguesa, nos anos finais dos oitenta, ao fundar o Grêmio Haikai Ipê.

distanciar-se do cheiro de incenso e a ladainha dos sutras. Esta separação não me parece ser o Zen em sentido estrito, como que uma separação fosse possível nas manifestações culturais.

De alguma forma, o Zen venceu as fronteiras e viajou para as terras do ocidente nas manifestações artísticas, nas artes marciais, nos templos e grupos de *zazen*. Não se trata de coisas diferentes entre si, mas manifestações com pontos em comum. Para qualquer destes segmentos o que torna o Zen uma atitude estética e comportamental se refere a uma mente não analítica. Ninguém executa uma ação Zen pensando nos livros lidos sobre o assunto. Quando isso deixa de existir, apenas há a arte que se pretendeu realizar: cerimônia do chá, arranjo floral, caligrafia, pintura, luta e o *zazen*. Visto desta forma, existe o *zazen* nestas artes ao produzir uma estética da unidade com o universo todo.

Alguns procuram definir o que seja o Zen, uma vaidade dos pesquisadores que ao ocorrer, limita o seu alcance, apanhando partes do que poderia ser. Pode vir a ser “quietude”, “silêncio” ou “tranquilidade” que são palavras que se transformam em conceitos ou ideias vagas a respeito. Por isso, escrever sobre o Zen do ponto de vista Zen se torna uma outra coisa, um tanto verdadeiro, incompleto e falso. Mas no campo do conhecimento é o que temos à disposição. Podemos traduzir as palavras, o que não acontece com a cultura. Esta deve ser experimentada, tão inversa da reflexão filosófica ou um elemento passível de discussão. As palavras são partes da linguagem, como ensinava o venerável Dosho Saikawa “apenas arranham a verdade”.

Minha experiência do Zen com as artes é no haikai, sem que nunca tivesse usado esta palavra para elaborar as composições. Nunca apliquei ensinamentos dos livros do Zen para compor. Desde o começo, teria aconselhado o mestre H. Masuda Goga de não associar o Zen com o haikai. O haikai devia surgir numa experiência direta da observação da transitoriedade das estações. Esta identificação com a estação é o uso do *kigô* – palavra de estação. São palavras que remetem àquela estação presentes na flora, na fauna, nos costumes de época. Podemos citar entre estas o “carnaval”, o “natal”, o “dia de finados”, o “dia dos pais”, “maritaca”, “cascudo”, “rã”, “joaninha”, “calendário novo” e assim por diante. São acontecimentos ou manifestações que ocorrem em determinadas estações. Isso se chama transitoriedade. Os budistas chamam de impermanência.

Todo haikai que se componha, esta sensação de impermanência deve acontecer, seja naquilo que o autor presencia, seja na própria transformação do autor diante da mudança do mundo. Perceber no haikai este movimento é a construção da estética, que se coaduna do que pode ser associado a uma experiência Zen. Em momento algum se pensou em Zen antes ou durante a composição. Por isso, o Zen não pode virar num conceito para em seguida ser aplicado em alguma arte específica. Se acontecer, me parecerá artificial, algo forçado, que perderá beleza em seu acabamento.

Ainda preso nos moldes da poesia livre, a maior dificuldade de um compositor de haikai seja a questão da dualidade entre o objeto de produção e o produtor. No ponto de vista Zen, deverá existir uma unidade. Por isso, a transformação da natureza compreende a produção e seu autor; quando o autor se confunde na composição. Trata-se neste caso, da ausência de um ego. Esta atitude oriental é oriunda o budismo, sendo o Zen uma expressão que se realizou na estética japonesa. Claro, o Zen existe também em outros países do oriente, mas no Japão penetrou profundamente na existência de

seus habitantes pela construção de uma estética própria. A respeito, na China existiu uma estética taoista na poesia e na pintura.

Mas quando se trata do Zen em sua maior expressão é a arte ligada em viver o momento presente com a mente do agora. Isso é evidente nas artes citadas. Entendemos também que a vida pode ser vista como uma manifestação artística na transitoriedade do cotidiano. Nenhuma vida é possível de ser vivida se não for a de agora. Esta colocação pode agradar aqueles que procuram os livros de ajuda, os empresários e também os aposentados. Caso se perca em divagações, a vida presente deixará de ser vivida e devidamente apreciada.

Sempre o melhor poema é o poema composto no momento. Uma vez composto, o melhor será o próximo. Da mesma forma, vivemos. Ficar presos ao passado em pensamentos, como que o passado fosse melhor que o presente, cairemos no mundo dos sonhos e deixaremos de viver. Qualquer comparação que se faça cria ilusões e a vida deixará de ser vivida. Para um jovem de 15 anos, aquele momento é o melhor de sua vida. De igual maneira, para um idoso de 80 anos, da mesma forma deve ser considerada. Podemos dizer que o passado são águas de uma correnteza que não existem mais, quanto ao futuro, temos pela frente uma grande incerteza. O passado é uma ilusão e o futuro um desejo não realizado. Mas no presente, posso contemplar a primeira lua de outono, como os haicaístas fazem, e usufruir de sua beleza.

Foi assim que o monge Ryokan Taigu (1758-1831) ilustra a sua experiência. Conta-se o seguinte: “certa noite, um ladrão adentrou na cabana em que morava o monge. Era uma sala pequena e despojada de moveis e objetos de valor. O ladrão viu que um edredom cobria o corpo do monge. Era o único objeto que podia ser levado. Aproximou-se e descobriu o monge e carregando o edredom, evadiu-se do local. Sentindo friagem que penetrava por uma das frestas, acordou. Abriu as janelas e ao olhar para o céu, lá estava imensa a lua de outono. Ryokan confabulou: “Se não fosse o ladrão, não teria apreciado este espetáculo””. Parece uma narrativa com exageros em produzir o inusitado que cause um impacto. Nesta, refere-se a Ryokan, apenas a ele. Ryokan é o paradigma de alguém desapegado, livre dos condicionamentos sociais, que ao agir desta forma produz também o diferente carregado de beleza pela simplicidade. É a arte do simples, encontrado nas cotidiano, admirado, um franciscano que merece ser considerado.

Como acontece com um monge Zen, o imoral se torna um enfrentamento para ser vencido dentro do próprio coração. Ainda que o injusto se manifeste, haverá lugar de beleza no mundo se assim for a percepção do ser. A estética do Zen ganhou expressão no Japão em períodos conturbados, como no Período das Guerras Internas¹² como a Cerimônia do Chá – o *Sadô*. É quando esta arte atingiu seu maior refinamento com Sen no Rikyu (1522-1591) em meio à grande desordem no país provocada pelas lutas entre os príncipes feudais. Naquela situação caótica, esta arte do chá consagrava a harmonia e a simplicidade. Em meio ao conflito, o espírito do Zen ensinava de que uma atitude mental era importante para manter uma calma ameaçada pelas vibrações em derredor. Este entendimento é possível entre os meditadores do zazen, que treinam a mente e insistem conhecê-la.

12 Sengoku Jidai – de 1467 a 1615

Se chegamos ao campo da mente, é justamente este o assunto a ser considerado no *zazen*. Nada pode ser dito a respeito, pois a mente só pode ser entendida – ou em parte – pela própria experiência. Com ênfase, a mente existe quando recebe informações ou silencia. O objetivo do Zen é silenciar a mente. Existe um paradoxo quando se põe desta forma, o inverso daquilo que nos ensinaram desde os primeiros anos de nossas vidas. A mente que silencia é manter a atenção. Aquilo que nos chega nos ouvidos e nas mentes pensante passa por um filtro, sem se deixar influenciar. Uma mente que silencia consegue ver beleza nas coisas simples que passam despercebidos nas mentes condicionadas. Uma mente condicionada recebe informações em sua passividade e isso acaba por se tornar uma verdade. Assim funciona a propaganda, as notícias, os criadores de opinião e os *fake news*.

Outrora ouvi comentários a respeito de Zen e Budismo, ao afirmarem que se tratavam de filosofia e não, propriamente, religião. Como expressões de outra cultura, não se faz uma distinção clara entre uma coisa e outra, sendo isso uma maneira de entendimento exclusiva da cultura ocidental. Quando digo cultura ocidental é a tradição judaico-cristã. Mas quando se traz uma outra cultura, como o Zen, alguns dissociam do Budismo, outros interpretam como sendo uma filosofia, outros buscam na meditação *zazen* uma maneira de conhecer a mente ou ainda buscar uma tranquilidade em sua existência. Outros devem ter outros motivos não revelados.

Se no oriente é de um jeito, não quer dizer que no ocidente deva ser exatamente igual. Entretanto, a fonte principal é o oriente. Toda a experiência e história teria acontecido por lá, não se pode negar. Existe uma cultura Zen no Japão que levou anos para se consolidar. Não se trata logicamente de uma religião da maneira como nós ocidentais entendemos a religião, e nem este termo seja totalmente adequado. Se não é religião, então poderia ser filosofia, diriam os desentendidos! Esta colocação cria dúvidas. A filosofia é uma criação grega que influenciou o pensamento lógico do ocidente. Não se deu o mesmo no oriente que, por outro lado, criou outras categorias culturais e pedagógicas como o Taoísmo e o Confucionismo. Chamar o Zen, no caso, como filosofia vai em sentido inverso do que seja o Zen, do que seja a filosofia. O Zen enaltece a contemplação, a experiência do conhecimento em fatos concretos, diferente da tradição filosófica que se baseia em atitudes reflexivas e cognitivas.

A validade da existência do Zen no mundo ocidental é a de criar a diversidade em nossa existência. Outros caminhos se abrem, possibilitando avanços em setores antes não descobertos e portais de conhecimento da natureza humana no corpo e no espírito. Acima de tudo, o Zen é uma fonte inesgotável de pesquisa a respeito de nós mesmos, na humanização de nossa relação com o diferente e na aceitação daquilo que nos parece estranho. Quando o estranho bate as nossas portas, surge o medo, que causa apreensão e sofrimento, mas uma vez que nos torna familiar nada mais nos incomoda. Se houve épocas em que a reconquista era vista como uma política de se criar uma ordem em consonância com a ideologia dos países conquistadores no Novo Mundo, o embate com o oriente defrontou-se com algo menos fragilizado. O oriente poderia se beneficiar com os avanços técnicos do ocidente, mas uma cultura edificada por séculos afins tornara-se menos permeável à dominação. Ao contrário disso, a cultura do outro ao invés de ceder, tornou-se interessante se absorvida e diluída culturalmente.

Podemos retomar aquela pergunta formulada anteriormente: que motivos teriam as pessoas

que procuram o templo! Um desses motivos seria justamente na falta de uma perspectiva sob modelos antes experimentados, que envolviam o sentido da existência num mundo cada vez mais desumanizado pelo avanço da tecnologia, pelo consumo e pela incerteza da solução de nossos problemas de ordem espiritual e material. Não que o Zen seja capaz de dar uma solução. Nem é este o propósito. Mas o Zen abre possibilidades antes não consideradas através do conhecimento de si próprio.

Se o Zen esteve associado à arte, a arte não pode ser diferente da vida, o que seria uma contradição. A vida vista como arte pode mudar a maneira de se construir a vida ao criar uma atitude estética no desenrolar do cotidiano. Retornar à simplicidade é uma tarefa necessária para o conhecimento. Não se consegue através de leitura de manuais sobre o Zen, nem dicas dos livros de “auto ajuda”. Sei que pessoas leem muito a respeito deste assunto tão instigante, carregado de sabedoria e atitudes transformadoras. Ainda assim, não podem ser repassadas de uma maneira abstrata, apreciada pelas mentes acomodadas dos teóricos e diletantes.

Este cotidiano sem grandes acontecimentos, pouco significativo, pode ser enriquecedor caso a mente treinada do “agora” esteja alerta. Nada de mente pensante. É a mente presente no momento, silenciosa e penetrante que percebe o movimento naquilo que não se move, ou que parece não se mover. Entendido assim, tudo se encontra em movimento presente, da beleza da flor de laranjeira surgindo na primavera, da queda das folhas no outono, dos galhos secos no inverno para novamente florescer na primavera. No verão há o ribombar do trovão, o sino do templo que toca na manhã de outono é mais profundo e escuro. Mas ao chegar o verão, o mesmo ribombar é diferente: alegre e jovial. Neste movimento cíclico, tudo se transforma, da decadência ao apogeu para novamente entrar em decadência. No processo há a renovação e a vida acontece. Numa postura Zen, a poesia é elemento importante para a estética. Ainda que o elemento da estética esteja presente nos acontecimentos, ela surge com ênfase apenas na intervenção passiva do artista.

Quando se diz que o Zen produz uma forma de estética verificada concretamente nas diversas manifestações artísticas, este entendimento não pode se restringir unicamente a elas, como fosse separada da vida. Uma arte separada da vida com todas as suas contradições não é possível. É a própria vida, que a arte surge. Se concordamos com esta afirmativa, a vida sob a perspectiva Zen também é uma experiência artística e construção de uma estética. Isso deve acontecer no cotidiano. Nada muito especial do que a repetição da vida no que concerne ao trabalho, aos descansos, na família, nas leituras, passeios.

Daquilo que aprendi a respeito posso desenvolver um raciocínio em conjunto com o leitor. Muitas das inúmeras viagens feitas como acompanhante do venerável Dosho Saikawa, certa vez encontrava-me no Aeroporto de Congonhas. Não tínhamos tomado café da manhã. Então fomos até a lanchonete, dentro da zona de embarque. O lanche simples custava caro em comparação ao preço comum fora do aeroporto. Para ele não havia problema algum. “Não me interessa quanto vou pagar, mais importante do que isso é a sua companhia e saborear este pão com queijo”, alertou. De fato, tratava-se de um ensinamento Zen. Nada pode ser vivido do que o momento presente. Nada havia que nos incomodava do passado, nem do que poderia ser encontrado no futuro. Nem o preço do lanche tinha que nos incomodar. A vida consistia apenas em viver intensamente aquele momento, o

que deve acontecer igualmente na concepção de qualquer arte, com ênfase dessas inspiradas no Zen.

Após ler bastante autores que discutiam teorias das várias naturezas, que inundei a minha mente como conceitos e uma dialética que invejava de meus mestres das ciências sociais, por um momento, resolvi mudar de enfoque. Tinha por meta entender o ser humano. Menos teoria e mais observação. Desta vez, passei a ler romances modernos de várias culturas, o que me ajudou bastante. Perceber o cotidiano das pessoas comuns também construía uma estética, que no cinema estava presente no diretor Yasujiro Ozu. Aprendi muito com o cinema japonês, que no caso de Ozu percorre um período que vai do preto e branco, da fase anterior à guerra de 1939 a 1945, e do advento do cinema colorido.

Nunca o cotidiano foi tão apreciado do que na tela de Yasujiro Ozu em que o foco sempre fora a família e, conseqüentemente, a relação entre pai e filha (*Bashun* - 1944), o cuidados com os pais velhos (*Toda-ke kyodai* - 1941) e (*Tokyo monogatari* - 1953), pais e filhos menores (*Ohayo* - 1959) entre outros. Neste universo nuclear da família, é dentro dela, que acontecem as dificuldades em que os choques são evidentes devido as transformações. Não é diferente do que acontece com as demais famílias. Sendo este um tema universal. Entretanto, da maneira singular das lentes de Ozu é nas coisas pequenas que residem a imensa beleza, que não acaba com as tensões entre os membros, mas perdem energia. Não é o embate. As lentes se abrem e mostram que o mundo é maior do que o foco de uma tensão, pois outras coisas acontecem naquela sala. A beleza reside nas coisas comuns, na simplicidade da composição, que criam uma ordem das coisas que foram colocadas sem intenções aparentes.

Acontecendo a velhice, a velhice é aceita com sabedoria, assim ensinam o casal de pais em *Tokyo Monogatari*, que visitam o filho médico em Tóquio. Sempre foi o desejo dos pais irem à cidade grande, visitar o filho e orgulhar-se do seu sucesso. Isso aconteceu. Realizado este sonho, a esposa confessa ao marido de que está doente e que poderá morrer a qualquer momento. É um dos momentos marcantes, que gera tristeza e resignação por parte do marido. Se for assim, ainda podem viver os momentos seguintes. A vida haverá de continuar, agora do marido sozinho, no interior, na casa em que sempre viveu. Sem a presença dos filhos, que têm as suas vidas. Assim deve ser. A beleza da vida está justamente na aceitação das intempéries que surgem, de uma sabedoria apenas dos Iluminados. A estética deste filme é mostrada nas tensões e na aceitação do inevitável com a serenidade que se tomava chá num *chashitsu* durante as guerras internas do século XVI.

Esta atitude Zen como enfrentamento das incertezas que nos cercam, de um mundo em crise, é o silêncio da mente para não sermos arrastados pela tempestade que nos ameaça. O silêncio não acaba com a tempestade, entretanto, a tempestade é vista apenas como tempestade. Tal como ela que chega, haverá de se retirar. Por outro lado, a tempestade tem a sua beleza como manifestação da natureza, da mesma forma que a gota de orvalho durante o outono.

Após tempestade
telhado da casa ao lado
vermelhos ficaram.

Rompe pela tarde
tempestade pelas ruas.
Os pés sem sandálias.

Cai a tempestade
sem que possa me impedir
de ler Moby Dick.

Por algum tempo o Zen ficou associado em manter a calma, usado desta maneira isento de experiência. Tratava-se de um adjetivo. Mas ao recuperarmos a experiência, a calma torna-se consequência de um processo de mudança da mentalidade. Aquilo que se apresenta diante de mim posso sentir através de meus órgãos sensoriais do momento e com a mente vazia. Mais do que uma atitude reflexiva, é contemplativa. A mente vazia é sempre contemplativa, aproxima-se dos versos de um poema, distancia-se dos parágrafos de uma prosa. A poesia está presente no mundo, disse Octávio Paz¹³, sendo que o papel do poeta é produzir poema.

Assim produziu Carlos Drummond de Andrade, em “No meio do caminho”:

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra.

Nada era do que uma pedra como todas as demais pedras, na singularidade de ser pedra, que em nosso caminho estava posto. Se os nossos pés resvalarem na pedra, ela se arrastará, produzindo um ruído que penetrará em nossos ouvidos. Apenas isso. Alguns podem fazer elucubrações a respeito, tentando desvendar o que o autor quis dizer. Não faço isso. A pedra do poema se torna a minha experiência e a pedra ao bater em meu pé torna-se ela também parte de mim. Neste momento percebo o silêncio, profundo e misterioso existente depois daquele toque.

Por isso não há tempo para teorias, em meu caso, nem em Zen, nem na estética do Zen, que somente passará a existir após a experiência. Ao contrário disso, a vida é um campo em que realizamos a arte de viver, sendo o Zen a própria vida que acontece no cotidiano, nas pequenas coisas, algumas insignificantes, mas de grande beleza, se assim a mente vazia estar presente. A mente vazia que não se deixa invadir por informações alheias, das vozes dissonantes, da raiva e desatenção. A mente vazia é a capacidade de captar a coisa acontecendo sem discriminação, isento de discursos, nem moral, sem nada obter de vantagem.

Os nomes e denominações surgem para quem pensa em Zen, uma tentativa de explicar e obter um conceito para ser usado no acabamento de teorias que possam justificar um determinado postulado. Mas dito a partir da experiência, o Zen não pode ser denominado. Para o entendimento da cultura ocidental, se torna um paradoxo. Aquilo que não pode ser denominado não existe. Em outros

13 O arco e a lira, 1912: *Fondo de Cultura Economica, CosacNaify*, 2012

tempos, perguntei a um amigo filósofo se aquilo que estava escrito era o que o autor pretendia dizer em sua forma mais pura. Tratava de um texto de epistemologia. Para ele, a linguagem era a maneira de dizer o pretendido. Afinal, os filósofos só têm acesso ao texto produzido.

A minha dúvida era se a linguagem dava conta do que se pretendia transmitir. Se a linguagem tinha a capacidade de dizer a respeito da verdade observada ou ainda experimentada. Quanto a validade desta questão, a linguagem se trata de uma representação da coisa, nunca será a coisa. É como o reflexo no espelho. Dizia o venerável Dosho Saikawa de que a “linguagem é sombra da verdade”. Para que isso aconteça, existe uma mente pensante, que forma dualidade: ser pensante e coisa pensada. A experiência Zen não depende de dualidades, ao contrário disso:

Conta-se que o mestre chinês Weian de Yaoshan caminhava pelas trilhas da montanha quando viu diante as nuvens dissipando-se e, nesse instante, revelou a lua cheia, que surgia lentamente. Por momentos silenciou-se. Em seguida gargalhou ardentemente a plenos pulmões.

No dia seguinte, um dos monges oriundos do mosteiro de Weian ao caminhar entre os aldeões, um deles o admoestou dizendo “ontem ouvi o seu mestre gargalhando”. Não somente ele, mas todos os moradores também teriam ouvido e ficaram sem entender.

Não entendiam de que na observação daquela cena, a nuvem soprada, o recorte das montanhas, o céu ao início da noite, a lua que surgia redonda e o mestre Weian eram uma coisa só. A alegria desta experiência fez o mestre gargalhar. Existia uma unidade pois inexistia a mente pensante. Qualquer pensamento caso existisse, haveria separação e ilusão. Até a gargalhada, naquele momento fazia parte da cena unitária.

Sem palavras, nem explicação:

Hahhhhhh!

Considerações finais

O Zen é antes de tudo uma atitude de vida, que leva em consideração a mente e o corpo, a experiência dos sentidos, a atenção plena no momento presente. Considero válidos os estudos teóricos a respeito do Zen, bastante enriquecedores capazes de instigar a mente reflexiva dos leitores, principalmente no que tange à arte. De certo, o Zen é uma arte. No entanto, o Zen não pode estar dissociado do budismo, sua fonte de inspiração e embasamento histórico.

Nem o Zen e nem o budismo pode ser considerados uma religião no sentido daquilo que entendemos por religião. Cada religião tem um corpo próprio com seus questionamentos e, sobretudo, na construção de um universo mental e de atitudes. Questões de relevância nas tradições mosaicas não dizem respeito ao budismo que desenvolveram em culturas diferentes, em contextos históricos diferentes e pretensões diferentes. Esta diferença é o que torna a religião algo atraente no campo da

cultura.

Em se tratando do Zen como partes de uma cultura, sendo esta criadora da arte na delicadeza dos gestos, na simplicidade, na unidade homem e universo, a terra e o céu, a vida e morte, o dia e a noite, estas questões devem estar presentes no cotidiano. Ou será outra coisa! Quando a arte se afasta do cotidiano, então existiria a separação, como que todos os estudos sobre arte Zen fossem assuntos alheios à vida envolta em necessidades materiais de sobrevivência, no trabalho, na família, no relacionamento com os amigos. Então o Zen se tornaria um conceito apenas, com a sua utilidade reflexiva, uma arte separada das contradições profundas da existência humana.

A beleza do Zen acontece nas zonas de conflito, no mundo incerto, quando alguém toma chá numa cabana humilde, apenas toma chá, outro faz um arranjo floral, ou ainda uma caligrafia, o cozinheiro prepara o alimento ou alguém senta silenciosamente em *zazen*. Possamos dissociar a imagem estereotipada de que o Zen é a busca da tranquilidade no silêncio das montanhas, retirado das turbulências do mundo, uma possível fuga ou a própria negação da vida acontecendo em sua contradição histórica. Nem o mundo se endireitou com o surgimento do Zen, nem se propôs a isso. Mas ao aceitar o mundo em polvorosa, viver nele, o desespero pode ser substituído por uma atitude de equilíbrio ao perceber de que existe uma beleza nas transformações do movimento do mundo. Sempre haverá luz em meio à escuridão, sempre haverá uma sombra no meio da luz.

O Zen é antes de tudo uma atitude de ver as coisas em si, sem que a nossa consciência surja e julgue, forme dicotomia, destrua a poesia, caminhe pelos discursos comuns de nossos condicionamentos. A arte também é a destruição dos condicionamentos. O Zen é a liberdade de produzir a vida, ela em si uma manifestação artística. A beleza não está nos galhos secos das árvores que perdem as folhas no inverno, que se dá início no outono, mas na própria vida acontecendo em transformação. A folha cai para surgir mais forte na estação seguinte. Esta maneira de ser é compatível com a arte do “não ego”. Claro, o ego está presente, entretanto, deixemos que ele não seja determinante no ato de sentir as transformações do mundo.

Em certa ocasião, caminhava ao lado do monge japonês, quando ele deparou com um besouro, virado com as pernas para cima, tinha morrido. Ele abaixou-se e depositou-o no canteiro de uma árvore, entre a calçada e a rua. Colocou as algumas folhas caídas sobre o besouro e ao se levantar pôs as mãos em oração por segundos. Depois, seguiu seu destino. Havia transformação na natureza. Nós próprios, partes da natureza, como aquele besouro. A morte acontecia e a vida continuava existindo num processo contínuo de mudança.

Podemos falar sobre o Zen ou, se preferir, da vida acontecendo sem que possamos nos perder em divagações desnecessárias. O outono nos visita. Como o sabor do vento é agradável nesta estação misteriosa e profunda. O outono que acontece além de minha janela e igualmente no mais profundo de minha alma. Neste momento, toda discussão se torna desnecessária.